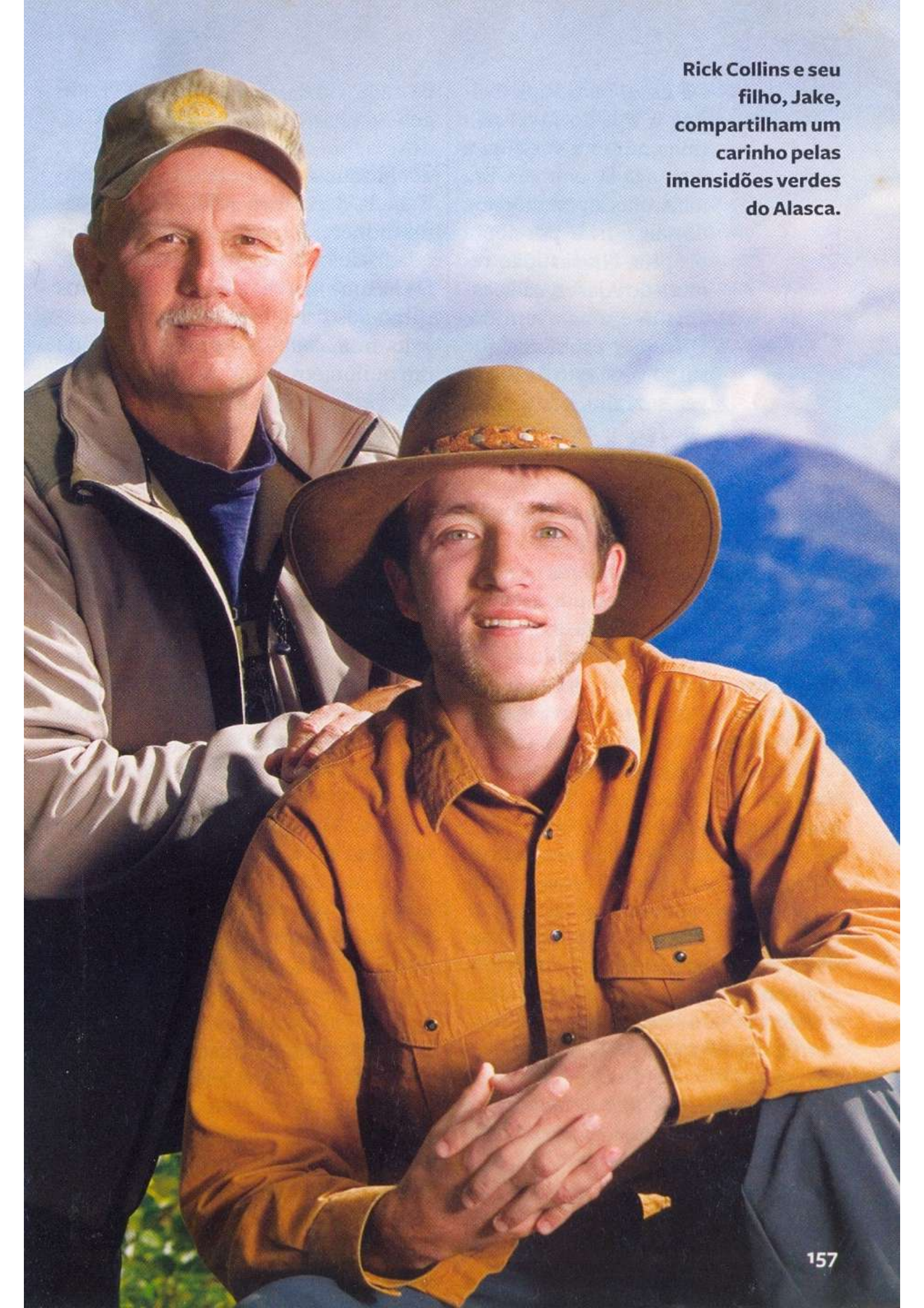


REPORTAGEM ESPECIAL

Ele deixaria seu filho sozinho na floresta para ir em busca de ajuda? Haveria alguma outra opção? POR CHRIS DAVIS

A decisão de um pai

A photograph of two men, Rick Collins and his son Jake, in an outdoor setting. Rick is on the left, wearing a grey jacket and a cap, with his hand on Jake's shoulder. Jake is on the right, wearing a wide-brimmed hat and a tan shirt, smiling. The background shows a blue sky and a mountain range.

**Rick Collins e seu
filho, Jake,
compartilham um
carinho pelas
imensidões verdes
do Alasca.**

r à caça, para Rick Collins e o filho Jake, não tinha muito a ver com a matança de animais. Era mais uma oportunidade de sair e ficar por conta própria. Na vastidão remota do Alasca, cada excursão é uma aventura. Qualquer problema que surge você tem de resolver sozinho, e era disso que Jake gostava.

Os dois saíram de casa às seis da manhã, na cidade de Wasilla, numa segunda-feira de agosto de 2007. Rick, 54 anos, trabalhava como eletricista de empresas petrolíferas na costa ártica do Alasca, alternando três semanas de atividade e três de folga. Jake, de 22 anos, estava terminando sua licenciatura e trabalhava como técnico de um time de basquete. Estava ansioso para passar um tempo só com o pai.

Durante a viagem de seis horas de carro até o posto da guarda-florestal do Parque Nacional de Wrangell-St. Elias, pai e filho tiveram assunto de sobra para conversar. Jake, que era um ótimo nadador, recentemente ajudara a salvar a vida de dois amigos que haviam sofrido um acidente enquanto praticavam *rafting* no Rio Matanuska. Conforme iam trocando idéias, Rick verificava o sinal de seu celular. Ligou para a mulher, Antoinette, depois de uma hora de viagem, e de novo após três horas. A partir daí, o celular estaria fora da área de serviço.

No posto da guarda-florestal de Slana, os dois pegaram suas licenças

de caça, válidas para o Parque Wrangell-St. Elias, o maior dos Estados Unidos. Depois de consultar um mapa, decidiram seguir pela trilha do Lago Tanada. Seriam 40 quilômetros de caminhonete, depois mais 30 em seus quadriciclos até os limites da floresta. De lá, uma marcha de dez quilômetros rumo aos carneiros selvagens da região, numa subida de pouco mais de um quilômetro.

O verão tinha sido chuvoso, alertara o guarda-florestal. As trilhas estavam lamacentas e difíceis. Rick e Jake estacionaram a picape, tiraram os quadriciclos e o equipamento, e por volta de uma da tarde começaram a atravessar os 30 quilômetros de trilha, uma extensão que, em condições normais, teriam levado de seis a oito horas para percorrer. A cada mil metros, chegavam a um trecho pantanoso de água estagnada. Era preciso parar, sair dos veículos, procurar solo mais firme, e, muitas vezes sem encontrá-lo, tinham de afundar na lama com os veículos. A travessia virou uma luta entre homem, máquina e o lodo que atingia a altura das coxas. Em certo momento, Jake avançou por onde o terreno lhe pareceu sólido, mas o veículo capotou.

Quando a noite caiu, Jake e Rick só haviam percorrido metade da trilha. Cansados, armaram a barraca e esquentaram um ensopadinho de carne. Jogavam cartas na hora em que começou a chover. A chuva durou a noite toda, e manteve os dois presos na barraca o dia seguinte inteiro. Perguntaram-se se não seria melhor desistir. Concluíram que não: se pudessem for-

çar a travessia da trilha, provavelmente teriam toda a caça só para eles.

No dia seguinte a chuva passou, e eles começaram a percorrer a segunda metade da trilha. Desta vez os veículos ficaram atolados. Pensaram de novo em desistir, mas, nesse caso, desperdiçariam todo o trabalho que haviam tido até ali. Decidiram, então, seguir em frente por mais um ou dois quilômetros.

jeto que tinham pela frente. Com vinte quilos nas costas, já seria desafio suficiente para Rick.

O mapa indicava uma trilha de cavalos de carga ao longo do córrego, mas eles não a encontraram. Afundados até a cintura num mar de arbustos espinhosos, que atravessaram penosamente, conseguiam enxergar apenas 30 metros à frente. Memorizaram a localização de dois picos, orientando-se

Aquilo virou uma luta entre homem, máquina e o lodo que chegava à altura das coxas.

A determinação valeu a pena, e Rick e Jake finalmente chegaram ao fim da trilha. Havia outro acampamento de caçadores na parte oeste da ravina, e Rick foi até lá, mas não havia mais ninguém. Ele e Jake continuaram a pé até a ravina seguinte, o Córrego das Cabras, onde, de acordo com o mapa, desaguava o Lago dos Carneiros.

Rick montou a cerca elétrica portátil em volta dos quadriciclos. Da última vez, ursos haviam comido o estofo dos assentos, ao que parece, porque se assemelham a um cocho de sal.

Com refeições congeladas, uma tenda, sacos de dormir, uma bomba de filtrar água, armas e munição, poderiam ficar acampados por até uma semana. Rick decidiu não colocar na bagagem o GPS, que, apesar de ser leve, seria um peso a mais no íngreme tra-

à maneira antiga. Na falta do GPS, não haveriam de se perder no caminho.

Puseram as botas, que lhes cobriam das pernas até o quadril, e começaram a subir pelo córrego gelado. Quando surgia um trecho plano à margem, eles saíam e andavam no seco por algum tempo, mas logo tinham de voltar para a água. O avanço era lento, Rick tinha de parar freqüentemente para recuperar o fôlego. Queriam se afastar dos caçadores acampados abaixo deles, pelo menos oito ou dez quilômetros.

Ao anoitecer, Rick e Jake estavam acampados numa agradável faixa de cascalho seco, a mil metros de altitude. O ar estava frio. Os únicos sons que ouviam eram dos corvos e o gorgolejo do córrego - nem sinal dos outros caçadores. Tinham aquele canto do Alasca só para eles.

Na manhã seguinte, Rick e Jake saíram para caçar. Para tornar as mochilas mais leves, nelas deixaram só as roupas de chuva, pacotes de aveia, um filtro de água e telescópios, e, de armas nos ombros, começaram a subir o córrego. Dispersaram-se pelas colinas, cujas escarpas eram inacessíveis, e observaram muitas ovelhas e carneiros. Podiam caçar somente carneiros, que se mantinham afastados, evitando as ovelhas com os filhotes.

neiro de olho nele para que não suspeitasse da aproximação do Jake.

Rick dispôs o telescópio bem na direção do bicho e ficou olhando. Jake tirou a mochila e deixou-a com o pai. Levou só os binóculos e um rifle carregado com quatro cartuchos. Nada de capa de chuva – apenas o lenço na cabeça e o chapéu que lhe dava sorte.

Jake subiu por mais um quilômetro e chegou a uma parte plana da montanha. Estava a cerca de 100 metros acima

Sem GPS, eles memorizaram alguns picos, se orientando da maneira antiga.

A um quilômetro do acampamento, Rick e Jake encontraram um curso de água que dava num cânion estreito. Jake subiu num outeiro para ter um panorama do lugar e avistou dois carneiros que pastavam na encosta. Mas eles lhe pareceram pequenos. “Vamos mais adiante”, sugeriu Rick. À medida que continuavam subindo, Jake olhava para a encosta menor onde estavam os dois animais. Por fim, disse ao pai que queria tentar pegar um deles. Carneiro era o prato preferido de Jake. Pelo menos, comeriam bem naquela noite.

Rick concordou, mas estava exausto demais para ir com o filho. Não conseguiriam voltar ao acampamento antes do anoitecer se o acompanhasse. Ficaria ali, à espera, de olho no carneiro, e o mais importante, mantendo o car-

do lugar onde Rick ficara, mas a parte mais difícil da escalada apenas começara. Ficou surpreso ao constatar como o terreno era difícil. A cada passo, pedregulhos rolavam montanha abaixo. Quando sentia que ia cair, segurava-se no que encontrava e seguia em frente.

Jake decidiu que precisaria encontrar outro caminho para descer, pois as pedras não eram nada firmes. Foi então que viu o carneiro. Estava 100 metros acima, ao lado do pico, no extremo oposto de uma enorme cavidade no flanco da montanha. Jake se abaixou, mirou e atirou. O carneiro caiu da montanha. Rick, que estava com o telescópio e acompanhava tudo, viu Jake se levantar, virar-se para ele e sorrir, balançando os braços acima da cabeça.

Pendurou o rifle no ombro e começou a procurar um meio de descer a montanha. Mas, a cada tentativa, via-se obrigado a desistir e subir de novo. Examinando o terreno, notou que teria de subir mais uns 100 metros para alcançar a borda da cavidade e contorná-la. Uma série de penhascos, parecendo uma espécie de escada, ia dar na margem do rio, onde estava Rick.

Primeiro, Jake teve de pular quase dois metros. Indo até a borda do penhasco, se agachou, firmou-se na mão direita e saltou para baixo, tomando cuidado para cair apoiado em ambos os pés – se torcesse o tornozelo agora, nunca mais conseguiria sair dali.

Ao chegar ao primeiro degrau, virou-se e olhou para trás. Ainda dava para subir de volta, caso a descida se tornasse impossível adiante. O pulo seguinte foi igual. No terceiro, a distância era um pouco maior, mas Jake conseguiu descer. Porém, ao olhar para cima, se deu conta de que não tinha mais como voltar.

Então se aproximou do penhasco seguinte e espiou. Galhos impediam-lhe a visão. Tirou o chapéu, jogou-o e observou onde cairia. A distância dessa vez era de pelo menos cinco a seis metros. Seus tornozelos doíam, por causa dos saltos anteriores. No próximo salto, talvez quebrasse os dois. Olhou para trás, a procura de outro caminho. Estava encurralado. Duas vezes, chegou a se agachar, preparando-se para pular, mas acabou pensando melhor.

Jake se alinhou com o lugar que, na rocha abaixo, parecia ser o mais plano,

virou-se e começou a abaixar o corpo. Se ficasse dependurado por inteiro, reduziria o impacto da queda. Mas, ao passar a cintura pela borda do penhasco, não conseguiu se segurar. E caiu de costas.

A um quilômetro dali, e observando tudo pelo telescópio, Rick soltou um grito ao ver o filho cair do penhasco – de cabeça para baixo – e desaparecer. Com o coração aos pulos, Rick não sabia o que fazer. Seria melhor continuar a seguir o leito do córrego, ir até a base da ravina onde Jake estava, a fim de poder vê-la por inteiro e esperar que ele surgisse ali? Rick começou a fazer isso, mas, depois de trinta metros, mudou de idéia. *Tenho de ir até onde Jake caiu,* pensou.

Rick voltou e enfiou na mochila duas grandes sacolas de algodão, usadas para guardar a caça, e as calças impermeáveis de Jake. Retornar ao acampamento tomaria tempo demais. O essencial agora era chegar até Jake. Começou a subir por entre os arbustos. Depois de 15 minutos, teve de parar para recuperar o fôlego. “Jake!”, gritou, quando achou que o filho já pudesse ouvi-lo. “Não sei se está me escutando, mas já estou indo!” Rick precisou parar a cada 15 minutos para descansar, e sempre gritava: “Jake!, papai já está chegando!”

Rick levou uma hora e meia para encontrar o filho. Jake estava deitado de barriga para baixo, com o lado esquerdo do corpo dentro d’água e o outro no seco. Quando Rick se aproximou, viu que o peito dele se movia. Jake estava respirando, mas perdera os sentidos.



“Jake”, disse Rick. “É o papai. Está me ouvindo?”

Nenhuma resposta. Com cuidado para não machucá-lo, Rick verificou braços, ombros, pernas, quadris e costas do filho e não encontrou qualquer sinal evidente de fratura. A cabeça de Jake estava cheia de escoriações, mas felizmente ele não sangrava pelas orelhas – o que indicaria lesão cerebral. O pior ferimento da cabeça estava na parte de trás. Rick procurou por algum ponto mole. O crânio parecia intacto.

Rick protegeu o braço esquerdo do filho e o virou de lado. Os olhos de Jake se abriram de repente, mas Rick viu que não olhavam para nada e tinham

uma expressão de pavor. Jake tentou dizer algo, mas saíram apenas murmúrios ininteligíveis.

“O papai está aqui, Jake”, disse Rick. “Vai dar tudo certo.”

Rick ficou de frente para o filho, pôs as mãos sob suas axilas e o ergueu, tirando-o da água. A ravina era tão estreita e íngreme que quase não havia chão onde pisar. Rick escolheu o melhor lugar que encontrou, esticou as sacolas de algodão e deitou Jake sobre elas, com os pés voltados para o declive abaixo. Será que deveria tentar carregá-lo até o acampamento? Não, era uma má idéia. Não sabia exatamente quais eram os ferimentos e tal-

Integrantes da Guarda Nacional Aérea do Alasca (à partir da esquerda): Rob Rosentreter, Rick Watson, Paul Reddington e Turk Younkins agiram rápido para conseguir salvar Jake.



vez prejudicasse o filho ainda mais. Deveria ir ao acampamento buscar mais utensílios? Perderia nisso de duas a três horas. Jake estava respirando, mas não havia garantia de que fosse continuar. Se parasse, Rick tinha de estar ali para prestar socorro.

Rick concluiu que teria de passar a noite ali com o filho. Começou a construir em torno deles uma parede de pedras, deixando-a mais alta em volta de suas cabeças a fim de protegê-las das pedras que rolavam de cima, e em volta dos pés, de modo a mantê-los firmes para não escorregarem.

Querendo mover o filho o mínimo possível, Rick cortou a camisa molhada

de Jake com uma faca e cobriu-o com a própria camisa e um pulôver. Em seguida, substituiu as calças de Jake por calças impermeáveis, tirou-lhe as botas e meias encharcadas e pôs meias secas. Finalmente, com a leve lona impermeável que sempre carregava, cujas pontas ele prendeu com algumas pedras, cobriu o abrigo. Rick se acomodou sob a lona, deitando ao lado de Jake para dividir com ele o calor do próprio corpo. Pôs o braço direito sob a cabeça do filho, para manter o ferimento mais grave afastado do chão.

À medida que a temperatura caía, o vento aumentava, arrastando a lona. Rick segurou-a com o braço livre. Não

dormiu um minuto sequer. De início, Jake se manteve imóvel. Rick pegou algumas tiras da camisa do filho e tentou limpar o sangue do nariz e dos olhos dele. Em seguida, pôs uma de suas pernas sob as pernas de Jake, para aquecê-lo e evitar que escorregasse.

Pouco depois da meia-noite, Jake começou a ter convulsões. Os braços se enrijeciam, esticados até a altura dos joelhos, e em seguida ele levantava a perna e chutava com força. Como estava sem botas, batia o pé contra a

parou de ter convulsões e Rick já se decidira. Primeiro rasgou a mochila, preparou o forro acolchoado com suportes de alumínio e o colocou debaixo de Jake. “Isso vai dar um apoio para suas costas e manter você longe das pedras frias”, explicou ao filho. “Vou deixar essa parede um pouco mais alta, para as pedras não machucarem sua cabeça”, acrescentou ele.

Depois, com a lona, que prendeu com pedras pesadas, fez um teto para o abrigo.

Seus tornozelos já doíam dos saltos mais curtos. **Aquele salto maior certamente os quebraria.**

pedra. Rick deixou o próprio pé no lugar, para absorver o impacto. Jake teve pelo menos uma dúzia de convulsões ao longo da noite, mais ou menos de meia em meia hora.

Rick passou a noite inteira tentando tomar uma decisão. Uma semana se passaria até que alguém sentisse falta deles e mandasse uma equipe de resgate. E se ele fosse até o fundo da ravina, cortasse galhos e escrevesse um enorme SOS no chão? Não havia muito tráfego aéreo por ali, e o esforço seria inútil. Ele poderia ir até o acampamento, pegar os sacos de dormir e a tenda, e assim deixar Jake mais confortável. Mas isso levaria horas. E depois? Quando a manhã chegou, Jake

Rick, como todo caçador, sabia a que distância os grandes predadores conseguiam sentir cheiro de sangue. Certificou-se de que o rosto de Jake estava coberto, para protegê-lo dos corvos, que poderiam bicar seus olhos.

Tudo estava pronto. Só faltava Rick ter coragem de deixar o filho. “Jake, você vai ter de continuar respirando sozinho até eu conseguir encontrar alguém para nos ajudar.” Por fim, após o que pareceu serem horas de hesitação, Rick começou a andar. Logo depois estava de novo ao lado do filho: “Vou voltar, Jake.” Rick se forçou a deixar o filho ferido à mercê da floresta do Alasca e iniciou a dura travessia que o aguardava. Eram mais ou menos oito horas da manhã de sábado.

Chegou ao acampamento em pouco mais de uma hora, e pensou em levar algumas coisas para Jake. Mas não, o tempo corria. A única maneira de salvar a vida do filho era aproveitar cada minuto para seguir em frente e encontrar ajuda.

Rick encheu a garrafa de água e pegou a tenda e um dos sacos de dormir. Não tinha como saber onde estaria quando anoitecesse ou o quanto seria difícil prosseguir. Três horas depois, achou o quadriciclo e partiu a toda em direção ao acampamento de caçadores mais próximo. Talvez encontrasse lá alguém com um celular via satélite. Mas não havia ninguém. Rick começou a dirigir pela trilha de 30 quilômetros que ele e Jake tinham levado três dias para atravessar.

Os primeiros dez quilômetros não foram tão ruins. Rick ficou preso poucas vezes. Mas, em seguida, tudo piorou. Quantas vezes se viu tentando tirar o quadriciclo da lama, e pensando apenas em Jake, que lutava para se manter vivo e que dependia dele?

Em uma das vezes, Rick viu que levaria uma hora para desatolar o veículo. Seria melhor largá-lo ali e seguir a pé? Ou o fato de continuar com o quadriciclo compensaria o tempo desperdiçado em tirá-lo da lama? Controlando sua frustração, olhou o mapa e viu que ainda estava a 20 quilômetros do local onde deixara a caminhonete. Mas seguiu adiante, atolando e desatolando o veículo. Ao passar pelo Lago Tanada, viu o posto da guarda-florestal na margem oposta. Parecia deserto, mas ainda assim deu três tiros com o

rifle, sinal universal de perigo para os caçadores. Não houve resposta.

Jeff Bertrand assistia à TV com o filho, na casa do pai, situada nos limites do parque, quando uma caminhonete apareceu. Eram quase nove e meia da noite, e nesse lugar remoto as visitas eram raras. Jeff saiu de casa e viu um homem perturbado saltar da caminhonete. “Qual o jeito mais rápido de conseguir uma equipe de resgate?”, perguntou Rick, parecendo prestes a entrar em choque. “Meu filho caiu enquanto estava caçando. Ele está lá em cima, sozinho, desmaiado.”

Jeff disse a Rick que não tinha telefone em casa, mas poderiam ir de caminhonete até certo ponto da estrada, onde o seu celular pegava.

Uma vez lá, Jeff ligou para a polícia. A telefonista afirmou que eles retornariam a ligação em poucos minutos. O celular de Jeff bipou, indicando que a bateria estava fraca. Jeff mandou Rick ficar ali com o telefone enquanto ele ia pegar uma bateria nova.

Rick ficou parado na beira da estrada, envolvido pela escuridão absoluta, e se deu conta de que Jake estava sozinho havia mais de 13 horas. Ninguém ia conseguir chegar, à noite, ao local onde ele estava. Rick se perguntou se deveria contar à polícia onde Jake estava, e voltar logo para perto do filho. Era possível que não conseguisse chegar lá antes da equipe de resgate, mas, pelo menos, estaria a caminho quando amanhecesse. Não podia simplesmente ficar parado, à espera do amanhecer.

Jeff voltou cinco minutos depois e trocou a bateria. A polícia ainda não ligara de volta. Rick procurava se controlar. Jeff ligou mais uma vez para a telefonista. “Tem um menino morrendo lá na montanha!” disse ele, irritado. A telefonista explicou que estava tentando ligar de volta, mas não obtivera resposta. Por fim, Rick conseguiu falar com o guarda-florestal que chefiava o parque, e ele disse que outros guardas estavam a caminho em quadriciclos.

Jeff e Rick encontraram os guardas-florestais, que levaram o pai aflito até o posto da guarda de Slana. Às onze e meia da noite, Rick falava ao telefone com a Guarda Nacional Aérea de Anchorage. Uma equipe de resgate havia sido chamada e estava pronta para partir. Rick se manteve calmo, ajudando a equipe a localizar nos mapas o ponto exato onde Jake se achava e descrevendo as condições do filho.

“Você acha que conseguiremos resgatá-lo pelo ar?”, perguntaram a Rick. Ele lembrou do local. Achava que seria impossível um helicóptero pousar ali, mas havia uma área mais aberta não muito longe. Um helicóptero de busca e resgate Pave Hawk, seguido por um avião C-130 Hércules que serviria para reabastecer o helicóptero, chegaram às três da madrugada. A equipe de resgate deu a Rick um capacete com sistema de comunicação e um par de óculos de visão noturna.

Às 3h15 eles já estavam no ar e o mundo esverdeado que surgiu lá embaixo era novo para Rick. Jake estava inconsciente havia 36 horas, e passara as últimas 19 sozinho. O pai tinha feito

tudo o que era possível. Agora precisava se preparar para o pior.

Pela descrição que Rick fizera dos ferimentos de Jake, do terreno, do abandono forçado, a equipe de resgate não teve certeza se iria encontrar um sobrevivente. Em meia hora, localizaram o acampamento. Rick guiou-os ao longo do leito do rio, mas, subitamente, não estava reconhecendo mais nada. Tinham ido longe demais. Jake não subira tanto. Com o vento forte, o piloto não conseguia manter o helicóptero parado. Tinha de voar em círculos.

“É ali”, disse Rick, apontando para o curso de água. A ravina era íngreme e estreita demais para que eles pudessem jogar uma corda e içar Jake até o helicóptero. O piloto aterrissou parcialmente, perto do local onde Rick estivera ao observar Jake caçando, e então ele e dois integrantes da equipe de resgate, Rob Rosentreter e Paul Reddington, desceram. Rick mostrou o caminho e Paul saiu na frente. Rob e Rick o seguiram. O avião passou no alto, jogando sinalizadores para iluminar o céu.

Paul escalou o monte, chegou à ravina e parou. Pouco adiante havia uma enorme silhueta negra, emitindo uma respiração pesada. Paul se deu conta de que eles estavam ali a pé, sem arma ou *spray* de pimenta, atravessando uma área onde viviam muitos ursos. Agora não tinha para onde ir. Teria de ver o que o urso ia fazer.

A forma negra não se moveu. Paul apurou os ouvidos e percebeu que não vinha dali o ruído, mas do interior do abrigo, situado quase três metros mais

adiante. A silhueta negra era uma pedra, e o ruído, a respiração entrecortada de Jake, abafada pela lona que drapejava contra sua boca. Milagrosamente, ainda estava vivo.

Seus olhos estavam ligeiramente abertos, mas fixavam o vazio. A temperatura do corpo era de 30°C e Paul viu que ele estava numa postura que indicava lesão cerebral – pernas muito estendidas, punhos cerrados e pousados no peito. Jake estava vivo, sim, mas não duraria muito. Foram duas horas para levá-lo montanha abaixo. Uma vez dentro do helicóptero, Paul e Rob esqueceram Jake e lhe deram oxigênio.

A coragem de Rick havia salvado a vida do filho. Jake logo estaria em casa. Mas Rick não sabia que tipo de vida ele levaria dali em diante. Hospitalizado em Anchorage, Jake, segundo os médicos, tivera uma síndrome pós-concussão. Mas eles não souberam prever com que seqüelas o rapaz ficaria.

Jake ficou em coma por semanas, tendo o pai e a mãe ao lado do leito. A mãe de Jake, Antoinette, jamais se deixou abater: “Ele vai sair dessa”, dizia ela. Fazia três semanas que continuava

ao lado dele, quando, subitamente, Jake pronunciou suas primeiras palavras: “Oi, mãe. Eu te amo.”

A enfermeira pediu a Antoinette que perguntasse se ele se lembrava da queda. Isso ajudaria na recuperação.

– Jake, você sabe por que está aqui?

– Rafting – respondeu ele.

– Não, você estava caçando com seu pai e caiu.

Jake começou a gritar, como se estivesse caindo de novo. Antoinette abraçou o filho: “Jake, você está a salvo. Seu pai trouxe você de volta.”

Jake iniciou a fisioterapia. De todos os exercícios que tinha de fazer, o mais difícil era descer escadas. Rick estava lá no dia em que o filho finalmente desceu três lances. E depois, voltando-se para o pai, deu aquele sorriso que ele conhecia tão bem.

Desde o acidente, Jake já deu caminhadas, andou de bicicleta, jogou beisebol e – recentemente – ficou noivo. Já não precisa mais da terapia ocupacional, mas ainda faz fisioterapia e se trata com um fonoaudiólogo. Ele acredita que vai se recuperar por completo.

TIRANDO A PROVA

Em um dia de inverno, minha filha Elise, de 6 anos, afagava nosso gato diante da lareira. Ele ronronava contente, e Elise comentou:

– Veja, mamãe, o gato gosta mesmo de mim!

Eu sorri e disse:

– Ele tem bom gosto!

Depois de um instante de silêncio, minha filha comentou:

– Você tem razão. Ele tem mesmo um gosto bom! *Jill Milner, Austrália*